

## **CARTAZES DOS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO, FUNÇÃO E DISCURSO NAS TEORIAS LINGUÍSTICAS**

**Renan Mazzola<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo propõe analisar o gênero, a função e o discurso dos cartazes empunhados pelos manifestantes nos Protestos de Junho, que emergiram em função do aumento das passagens do transporte público em vinte centavos. Para isso, mobilizam-se três mirantes teóricos do campo da Linguística para a compreensão do “cartaz de manifestação” como uma manifestação da linguagem que se enquadra em um gênero, possui uma função e integra um discurso específico no contexto da democracia brasileira. O primeiro mirante é a teoria dos gêneros de Mikhail Bakhtin; o segundo é o trabalho sobre as funções da linguagem de Roman Jakobson; e o terceiro, por fim, é o campo da análise do discurso representada aqui por Michel Foucault e Patrick Charaudeau.

**PALAVRAS-CHAVE:** Protestos de Junho; Cartaz de Manifestação; Gênero; Função; Discurso.

**RÉSUMÉ:** Cet article a pour but d'analyser le genre, la fonction et le discours des affiches brandies par les manifestants lors des manifestations de juin, qui ont vu le jour en raison de l'augmentation des passes de transports publics à vingt cents. Pour cela, on mobilise trois points de vue théoriques du champ linguistique pour la compréhension de l'“affiche de manifestation” comme une manifestation de langage qui s'inscrit dans un genre, a une fonction et intègre un discours spécifique dans le contexte de la démocratie brésilienne. Le premier point de vue est la théorie du genre de Mikhail Bakhtine; le second est le travail sur les fonctions du langage de Roman Jakobson; et le troisième, enfin, est le domaine de l'analyse du discours représenté ici par Michel Foucault et Patrick Charaudeau.

**MOTS-CLÉS:** Manifestations de juin; Affiche de manifestation; Genre; Fonction; Discours.

### **Introdução**

Durante os dias de junho de 2013, o Brasil viu emergir uma série de protestos contra o aumento das passagens no transporte público. Dia após dia, essas manifestações ganhavam corpo e destaque nas mídias de todo o país. Como em todo protesto, percebia-se aumentar a tensão entre os manifestantes e a polícia, entre os manifestantes e a mídia, entre os manifestantes e o governo, e também entre os próprios grupos de manifestantes.

Na cobertura dos protestos de junho pela mídia, muita atenção foi dada aos cartazes empunhados pelos manifestantes nas ruas de todo o país. Esses cartazes de manifestação compunham o discurso das ruas e apresentavam, no território nacional, regularidades enunciativas que contribuíam para a construção do acontecimento discursivo das Jornadas de Junho.

Neste trabalho, intencionamos investigar a natureza linguística e discursiva desses

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UninCor). E-mail: renan.mazzola@unincor.edu.br

cartazes, selecionados dos grandes portais de notícias brasileiros entre os dias 1º e 30 de junho de 2013. Para tanto, mobilizamos três mirantes teóricos da Linguística para compreendermos como esses enunciados se enquadram em um “gênero”, possuem uma “função” e integram um “discurso”.

Para essa tarefa, iniciaremos a investigação pelo fato histórico que ficou conhecido como Protestos de Junho. Em seguida, abordaremos o cartaz de manifestação enquanto gênero, partindo das reflexões de Mikhail Bakhtin. Na sequência, analisaremos a função desses cartazes enquanto atos comunicativos, baseados nos trabalhos de Roman Jakobson. Por fim, observaremos como esses enunciados constituem um discurso que integra língua e história, a partir do pensamento de Michel Foucault e Patrick Charaudeau.

### **O acontecimento histórico**

No início de junho de 2013, o preço das passagens de ônibus, metrô e trens foi reajustado em São Paulo – passou de R\$3,00 para R\$3,20. Esse aumento também foi aplicado em outras capitais e regiões metropolitanas do país, desencadeando uma série de protestos contra o aumento de R\$0,20 nas passagens. Em São Paulo, os protestos iniciaram-se no dia 6 de junho e foram noticiados pela mídia no dia 7. Desde então, eles alcançaram uma dimensão nacional e levaram dezenas de milhares de pessoas às ruas. Os primeiros agentes dos protestos em São Paulo foram os integrantes do Movimento Passe Livre (MPL), que reivindicavam a redução dos R\$0,20 no preço das passagens. Após sucessivos confrontos com a polícia e a adesão de uma grande parcela de brasileiros (250 mil pessoas só em São Paulo; 12 capitais brasileiras e 16 cidades do interior foram às ruas no dia 17 de junho – o dia em que os ativistas tomaram as lajes do Congresso Nacional em Brasília<sup>2</sup>), as manifestações ganharam ainda outras pautas, refletidas nos cartazes empunhados por ativistas e registradas pela mídia em toda a extensão do território brasileiro. Algumas delas são: oposição à PEC-37, aos gastos com a Copa do Mundo de 2014, à corrupção de nossos governantes; reivindicação de melhorias nos serviços públicos, como saúde, educação, segurança, etc.

Considera-se que os protestos de junho de 2013 constituíram a maior mobilização popular desde o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, em 1992. Em função da

---

2 Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-reunem-mais-de-250-mil-pessoas.html>. Acesso em 10.02.2015.

quantidade de pessoas e da importância das reivindicações, muitos portais<sup>3</sup> de notícias atribuíram à data (17 de junho) uma importância histórica. Esses 21 anos que separam os Caras-Pintadas (1992) dos Protestos de Junho (2013) correspondem à mudança de uma geração: uma parcela expressiva dos manifestantes de 2013 nasceu no início dos anos 1990. Os estudantes que saíram às ruas em 1992 possuem a idade dos pais dos estudantes que se mobilizaram nos inícios dos protestos de junho.

Os protestos do mês de junho de 2013 são complexos e multifacetados: começaram com uma pauta específica – a redução de R\$0,20 na tarifa dos transportes públicos – e começaram a ganhar outros contornos, outras pautas, outros movimentos, à medida que os protestos cresceram em número de manifestantes e em visibilidade midiática, a partir dos grandes veículos de comunicação impressos, televisivos e *on-line* e a partir de uma mídia alternativa (*Mídia Ninja*) que se opunha aos grandes veículos (*Globo, Veja, Folha de S. Paulo, etc.*). Em comparação com o movimento dos Caras-Pintadas, os protestos de junho de 2013 foram organizados essencialmente a partir das redes sociais. Esse fenômeno – a mobilização de milhares de pessoas a partir do *Facebook* – representa a essência da arquitetura dos protestos de junho.

Por estarem sujeitos ao dispositivo do Discurso Social – uma noção extraída das reflexões de Marc Angenot<sup>4</sup> (1989) – as várias capitais do Brasil apresentaram enunciados similares em seus cartazes (que apareciam sob a forma de cópia, de paráfrase, de reformulação, etc.), o que legitima a hipótese de que, embora criativos, não haveria, a princípio, uma heterogeneidade nos dizeres empunhados pelos manifestantes no sentido de uma identidade encontrada em um ou outro estado brasileiro, em função do caráter nacional das manifestações.

A teoria do Discurso social, elaborada a partir de uma análise sistemática dos discursos de 1889, pautou-se na pesquisa do homogêneo, de demonstrar o que é regular e recorrente por trás das variações, quais são as regras predominantes de cognição e de discursivização por trás da diversidade das escrituras:

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/o-protesto-de-17-de-junho-de-2013>. Acesso em 10.02.2015.

<sup>4</sup> Marc Angenot é professor titular da cátedra “*James McGill d’Étude du Discours Social*” na Université McGill em Montréal. Esse autor possui uma obra vasta que aborda e articula diferentes campos do saber, como Retórica, História das Ideias, Língua e Literatura Francesas, Análise do Discurso, etc. Entre os variados conceitos encontrados em seus estudos de descrição da tipologia dos discursos modernos, dos sistemas de crença das sociedades ocidentais e dos procedimentos retóricos da política, duas categorias parecem ser muito produtivas para nossa reflexão: o “Discurso social” e a “Retórica reacionária”. Para mais informações, consulte [www.marcangenot.com](http://www.marcangenot.com). Acesso em 10.02.2015.

Em outras palavras, esse processo consistiu em pesquisar as legitimações, as dominâncias e as recorrências do homogêneo na cacofonia aparente, dos princípios de coesão, de restrições e de aglutinações que fazem com que o discurso social não seja uma justaposição de formações discursivas autônomas, estritamente fechadas sobre suas tradições próprias, mas um espaço de interações em que as restrições, as imposições de temas e de formas venham preencher as brechas, opor-se às tendências centrífugas, trazer ao *Zeitgeist* uma espécie de unificação orgânica, fixar entropicamente os limites do que pode ser pensado, do que pode ser argumentável, do que pode ser narrado, do que pode ser escrito. (ANGENOT, 1989, p. 11-12, trad. nossa).

A hegemonia discursiva é composta por regras que regulam o dizer e restringem o *novum*, isto é, ela é composta por determinações que – aquém e além do que é dito, das posições enunciativas, das formações discursivas, das ideologias – disponibilizavam de antemão essas possíveis formulações, fazendo com que os contra-discursos ou as vozes contrárias a um certo estado de coisas, de pensamentos e de ideias, sejam na verdade um mecanismo do próprio dispositivo de Discurso social.

No caso dos Protestos de Junho, a hegemonia discursiva agia no plano de fundo das manifestações, a despeito do acontecimento ser discursivizado em diferentes veículos de comunicação (nas mídias tradicionais tais como jornais e portais de notícias, e nas mídias alternativas como as redes sociais e a Mídia Ninja).

O discurso social, em sua diversidade falsamente cintilante, seria somente um dispositivo implacável de monopólio da representação, em que toda divergência seria rapidamente recuperada, neutralizada, amenizada a despeito dela mesma, contribuindo para a *reprodução* indefinida dos poderes simbólicos. (ANGENOT, 1989, p. 13, trad. nossa, grifo do autor).

Esse mecanismo do Discurso social pôde ser observado nas primeiras reportagens da mídia tradicional, exemplificada aqui pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, nos dias 6, 7 e 8 de junho de 2013, ao rotular rapidamente os manifestantes de “vândalos” ou julgar que os protestos ocorriam “apenas” pelos 0,20 centavos das passagens de transporte.

Essa postura dos veículos tradicionais de comunicação, que podemos tratar também como uma “posição enunciativa”, uma “formação discursiva”, um “*éthos*”, etc., revela um procedimento comum pertencente ao seu “arsenal argumentativo” disponível numa época: a Retórica reacionária. Para descrever esse mecanismo, Marc Angenot retoma o filósofo e historiador de Harvard Albert Hirschman e seus três grandes esquemas argumentativos cuja combinação revelou um idealtipe invariável para a Retórica da reação – a saber: a) inoquidade, a reforma proposta não mudará a natureza das coisas; b) perversidade, a reforma proposta terá um efeito contrário daquele esperado; c) perigo, a reforma conjecturada colocará em risco

alguns benefícios já adquiridos. Ao desenvolver o paradigma ternário de Hirschman, Angenot oferece-nos meios de analisar os esquemas argumentativos que revelam a retórica reacionária que permeia o discurso político nos dias de hoje. Assim, observou-se o embate constante entre os manifestantes e a mídia, os manifestantes e a polícia, os manifestantes e os governos, gerando, dessa forma, longos debates sobre os contornos que a democracia brasileira ganhava naqueles dias de junho.

### **O cartaz como gênero**

Antes de mais nada, é preciso compreender a natureza linguística e discursiva de um cartaz de manifestação. Para esse fim, mobilizamos alguns referenciais teóricos do campo da Linguística com vistas a compreender essa manifestação textual e discursiva a partir de diferentes mirantes. O primeiro deles é a Teoria dos Gêneros bakhtiniana.

Com base em *Estética da criação verbal*, de Bakhtin (2000), observamos que esse gênero particular de enunciado contém um tema, uma composição e um estilo próprios, que o faz diferente dos demais tipos de cartazes com os quais nos deparamos em lojas, paredes ou muros.

Na primeira parte de seu capítulo, intitulada “Problemática e definição”, Bakhtin (2000) salienta que todas as esferas da atividade humana, em sua rica variedade, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Desse ponto em diante, Bakhtin esclarece gradativamente a noção de “enunciado” e como ele se constitui no interior de sua teoria.

As pessoas não trocam orações, assim como não trocam palavras (numa acepção rigorosamente linguística), ou combinações de palavras, trocam enunciados constituídos com a ajuda de unidades da língua – palavras, combinações de palavras, orações [...] (BAKHTIN, 2000, p. 297).

Com a emergência da categoria de “enunciado”, enxergamos uma divisão no estudo da língua e da comunicação: de um lado, temos as unidades abstratas e neutras pertencentes ao “sistema da língua”, como palavras e orações; de outro, temos a utilização da língua que se efetua sob a forma de enunciados orais e/ou escritos, concretos e únicos, que são exteriorizados por indivíduos que se encontram em diferentes esferas de comunicação e atividade humanas. Segundo Bakhtin (2000, p. 279), “não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua”. Pautados nesses questionamentos, podemos agora, uma vez

mais, nos perguntar como se constituem os enunciados inscritos nos cartazes. Como eles se constituem enquanto “gênero”?

Para classificarmos um determinado gênero é necessário, antes, focalizar o “enunciado” para atingir esse objetivo. De acordo com Bakhtin (2000, p. 279), ele

[...] reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [de comunicação], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua [...] mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

Cada esfera exteriorizará, portanto, séries de enunciados típicos. Esses enunciados típicos são de duas ordens: os de gênero primário e os de gênero secundário. Alguns dos gêneros primários são, segundo Bakhtin (2000): a) Réplica do diálogo cotidiano; b) Carta; c) Narrativas de costumes; d) Diários íntimos; e) Documentos; f) Relato familiar. Por outro lado, temos os gêneros secundários. Alguns deles: a) Romance; b) Teatro; c) Discurso científico; d) Discurso ideológico.

Os gêneros primários são aqueles que expressam de forma mais explícita a relação dialógica simples constitutiva do processo de comunicação, isto é, as instâncias enunciativas imediatas de toda interlocução. Os gêneros secundários do discurso, por sua vez, durante seu processo de formação, absorvem e transmutam os gêneros primários de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros secundários aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e mais evoluída, principalmente sob a forma escrita: ocorrem na instância artística, científica, sociopolítica etc. No entanto,

Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não cotidiana (BAKHTIN, 2000, p. 281).

A carta, inicialmente pertencente ao gênero primário, torna-se pertencente ao gênero secundário ao estar inserida no romance. Assim, um gênero só se constitui em relação a um outro gênero qualquer com o qual traça relações ou no interior do qual está inserido. Um gênero nunca é cristalizado ou imutável, pois é suscetível de ser incorporado por outros gêneros – sobretudo no âmbito artístico – em que a criatividade é um fator importante.

Ainda segundo o pensador russo (2000, p. 282), “o enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática”. É a questão do estilo, que está intimamente ligada à questão do enunciado e de suas formas típicas. Para Bakhtin (2000), o enunciado é individual e pode refletir a subjetividade de quem fala ou escreve. Entretanto, não são todos os gêneros que permitem que a criatividade ganhe expressão dentro do enunciado. Os gêneros mais propícios a refletir a subjetividade são os artístico-literários, e os menos propícios são aqueles que requerem uma forma padronizada: a formulação do documento oficial, a ordem militar, a nota de serviço etc. Bakhtin destaca ainda que, “[...] de fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana” (BAKHTIN, 2000, p. 283).

O estudo do enunciado ganha importância na obra de Bakhtin porque, em sua qualidade de “unidade real da comunicação verbal”, permite compreender a natureza das “unidades da língua” (como “sistema”), ou seja, das palavras e das orações. Do ponto de vista da história da linguística do século XIX, W. Humboldt e outros linguistas privilegiavam a relação da função formadora da língua sobre o pensamento em detrimento da função comunicativa da linguagem, tida como questão marginal nesses outros estudos. Bakhtin, por sua vez, posiciona-se contrariamente a essa visão, afirmando que “a língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se” (BAKHTIN, 2000, p. 289).

Considerando, portanto, a “exteriorização” de que tem necessidade o ser humano, observaremos agora a escrita dos cartazes. Enquanto “gênero”, o cartaz de manifestação aproxima-se do grupo dos gêneros primários de comunicação, pois a comunicação/interlocução é instaurada a partir dos fatores de enunciação eu-tu, isto é, eu, que estou aqui, segurando esse cartaz; e tu, que pode lê-lo, interagir, identificar-se ou contraidentificar-se (por meio de uma atividade responsiva explícita ou não) com o enunciado que carrego em minhas mãos.

Vimos mais acima, na enumeração dos gêneros primários, que a carta, o diário íntimo e, podemos inferir, o bilhete, estão incluídos entre eles. Num primeiro momento, por extensão, é possível dizer portanto que o cartaz de manifestação também pertence ao gênero primário. Retomando o princípio dialógico – mais visível nos gêneros primários – percebemos que, no cartaz de manifestação, não deixa de haver um diálogo daquele que escreve com o outro presente no mesmo espaço. No caso dos cartazes, o princípio dialógico retoma sua fundamentação no sentido de que o autor do enunciado escreve para um interlocutor real, que compartilha dos protestos junto dele e para um público. A escrita tem um “outro” pressuposto.

Observe o jogo entre o “tu” e o “nós” no cartaz abaixo, exibido nas manifestações de Belo Horizonte e veiculado pelo portal de notícias *GI*:



**Belo Horizonte, fotografia de Raquel Freitas/GI, 21/06/2013.**  
**Fonte: <http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb/>. Acesso em 10.02.2015.**

Segundo Marchezan (2006, p. 118, grifo do autor), “[...] por meio do conceito de gênero, apreende-se a relativa estabilidade dos diálogos sociais, ou seja, assimilam-se as formas *pregnantes* que manifestam as razoabilidades (e também a constituição) do contexto sócio-histórico e cultural”. Ao observar um tipo determinado de diálogo, devemos também direcionar nosso olhar para o gênero no qual se inscreve e cujas regras comandam sua existência. Assim, percebemos que o princípio do diálogo subdivide-se em duas categorias:

A distinção entre gênero primário e gênero secundário – que, emprestada de outros domínios, pode ser considerada pouco específica ou operacional – retoma, respectivamente, as duas maneiras de se considerar o diálogo [...]: em *stricto sensu*, o diálogo cotidiano, espontâneo, e, com base nele, o diálogo mais extenso e complexo que constitui todo e qualquer enunciado (MARCHEZAN, 2006, p. 119).

O trecho acima refere-se à problemática fundamental do diálogo: sua dupla face. No momento de análise, é necessário especificar de que diálogo falamos, que conceito utilizar: se o primeiro, referente à prática primária do diálogo face a face; se o segundo, concebido a partir do diálogo como elemento intrínseco da natureza da linguagem.

Retornando ao cartaz de Belo Horizonte, manifesta-se na escrita o diálogo *strictu sensu*, cotidiano, espontâneo, de um “eu”/“nós” e um “tu”, pressuposto pelo imperativo “para”. Esse “tu” pode ser o governo, no caso desse cartaz específico, ou ainda um companheiro de manifestação, em outra enunciação possível.



Com relação ao estilo, Bakhtin (2000, p. 282-283) afirma que “o estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso”. Descrever o gênero significa descrever, de igual maneira, o estilo do enunciado dentro de um gênero. “O enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (BAKHTIN, 2000, p. 283).

A teoria bakhtiniana amalgamou “estilo” e “gênero”. Em alguma medida, o estilo, discursivamente, é uma configuração enunciativa que articula dois fatores: uma certa disposição ou acomodação no nível do significante, e um certo grau de subjetividade expresso em níveis variados de pressuposição do interlocutor no processo da enunciação.

No caso dos cartazes de protesto observados neste trabalho, manifesta-se um estilo simples, uma escritura breve, geralmente na variedade informal da língua, cujo objetivo é uma compreensão instantânea e cujos fatores extralinguísticos são recuperados facilmente pelo próprio contexto em que se inserem os cartazes na manifestação política. Vejamos os exemplos:

1. “Desculpe o transtorno, estamos mudando o Brasil”<sup>5</sup>
2. “Saímos do Facebook”
3. “Queremos hospitais padrão Fifa”
4. “Vem pra rua que a luta é sua!!!”
5. “- Corrupção + Ruivas”<sup>6</sup>

Sintaticamente, esses enunciados se apresentam sob a forma de uma oração simples, como no exemplo (2) “Saímos do Facebook” e (3) “Queremos hospitais padrão Fifa”. Por vezes, o enunciado se constitui de uma frase com elementos justapostos, sem verbo, como no exemplo (5) “- Corrupção + Ruivas”. Constitui-se também de unidades de mais de uma oração, como nos exemplos (1) “Desculpe o transtorno, estamos mudando o Brasil” e (4) “Vem pra rua que a luta é sua”.

Com relação à subjetividade desses cartazes, os exemplos (1), (2) e (3) manifestam uma maior subjetividade em função dos verbos que remetem aos sujeitos da enunciação, que são os próprios manifestantes: eles são a referência de “Estamos”, “Saímos” e “Queremos”. Por outro lado, na outra ponta do eixo subjetividade-objetividade, encontramos o exemplo (5) como o

---

<sup>5</sup> Os exemplos (1) a (4) foram extraídos do portal de Notícias *Uol* no mês de junho de 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/06/18/manifestantes-contam-em-cartazes-quais-sao-suas-reivindicacoes.htm#fotoNav=3>. Acesso em 10.02.2015.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://protestomicareta.tumblr.com/>. Acesso em 10.02.2015.

mais objetivo, pois não há referência (como detalharemos mais adiante) aos atores da enunciação, mas à mensagem direta “- Corrupção + Ruivas”.

### **O cartaz como função**

Os cartazes, em geral, apresentam dois aspectos. De um lado, podem ser caracterizados como “informativos”, uma vez que encontramos cartazes cuja principal finalidade é transmitir uma informação pragmática – e por isso são caracterizados como uma forma de comunicação prática – sobre o que é preciso que se saiba. Ao entrarmos em um shopping e nos depararmos com um cartaz em que lemos “C&A fechada hoje para reformas”, não temos dúvidas de que a função primordial dessa comunicação é, nos termos de Jakobson (1975), “referencial”, ou seja, o referido cartaz destaca a “mensagem” de que hoje a loja de departamentos C&A estará fechada. O mesmo ocorre com um cartaz que nos comunica sobre as promoções realizadas pelas lojas, como em “Nesta semana, tudo em liquidação”. Nesses dois exemplos, o objetivo principal é informar.

De outro lado, temos os cartazes cuja intenção primeira é “persuadir”. O famoso cartaz ilustrado por James Flagg, de 1917, que traz a figura do “Tio Sam” apontando o dedo para o leitor do cartaz, é um exemplo de um cartaz persuasivo.

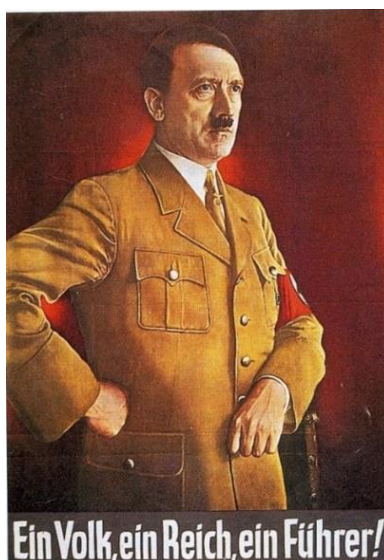


**Ilustração feita por James Flagg, 1917.**

**Fonte: <https://www.loc.gov/exhibits/treasures/trm015.html>. Acesso em 10.02.2015.**

Nele, podemos ler “I want you for the U.S. Army. Nearest recruiting station” (“Eu quero você para o exército americano. Procure a estação de recrutamento mais próxima”). Esse cartaz foi amplamente utilizado na Primeira e Segunda Guerras Mundiais para convencer jovens americanos a se alistarem para o exército e lutarem a favor dos Estados Unidos.

Um outro cartaz persuasivo que circulava frequentemente no contexto da Segunda Guerra foi aquele com a imagem de Adolf Hitler olhando para cima (interpretado metaforicamente como um olhar para o futuro) e usando uma braçadeira com o símbolo da suástica.



**Cartaz produzido em 1938 pelo Ministério da Informação e Propaganda de Goebbels.**

**Fonte: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1164716>. Acesso em 10.02.2015.**

Nele, podemos ler os seguintes dizeres: “Ein Volk, ein Reich, ein Führer!” (“Um povo, um império, um líder!”). Esse cartaz, produzido em 1938 pelo Ministério da Informação e da Propaganda de Joseph Goebbels, influenciou fortemente a nação alemã na direção de uma unificação dos arianos e dos discursos produzidos pelo regime nazista, culminando na morte de centenas de milhares de judeus.

Ao pensarmos no cartaz de manifestação política, devemos observar se nele predomina a função informativa ou persuasiva. Essas duas funções não se manifestam isoladamente, na medida em que um cartaz informativo pode apresentar traços de persuasão, assim como um cartaz persuasivo pode de igual maneira apresentar traços de informação. Outra singularidade

do cartaz de manifestação política está justamente no fato de ele ser empunhado, carregado, mostrado a outros indivíduos. Essa característica constitui um dos elementos pragmáticos de sua natureza.

Jakobson (1975), ao descrever as funções da linguagem em *Linguística e comunicação*, ajuda-nos a compreender algumas configurações dos dizeres inscritos em faixas, papelão ou cartolina. Retomando os elementos da comunicação descritos por Jakobson (1975), temos: a) Emissor, b) Receptor, c) Canal, d) Código, e) Mensagem, f) Contexto.

O privilégio de um ou outro elemento desse esquema caracteriza a “função” específica de cada ato de comunicação. Assim, a comunicação centrada no Emissor manifestará uma “função expressiva”, a comunicação centrada no Receptor manifestará uma “função conativa”, a comunicação centrada no Canal manifestará uma “função fática”, a comunicação centrada no Código manifestará uma “função metalinguística”, e a comunicação centrada na Mensagem manifestará uma “função referencial”. Com isso em mente, retomemos novamente alguns cartazes dos Protestos de Junho de 2013:

1. “Saímos do Facebook”<sup>7</sup>
2. “Vem pra rua que a luta é sua!!!”
3. “Maconha: R\$5,00 – Ir e voltar do trabalho: R\$6,40”

No exemplo (1), a comunicação parece estar centrada no Emissor, já que inferimos o pronome implícito “Nós”, relacionado ao verbo “Sair”. O enunciado descreve uma ação “sair do Facebook” realizada por um sujeito (pelo Emissor) “Nós”, grupo no qual se inscreve o manifestante que empunha o cartaz.

No exemplo (2), a comunicação parece estar centrada no Receptor, já que inferimos um “tu”/“você” a quem se dirige o Emissor: “Vem (você) pra rua que a luta é sua!!!”. O modo imperativo reflete uma ordem, um pedido ou uma sugestão. Por se dirigir a um Receptor, a função conativa rege esse enunciado linguístico.

No exemplo (3), a comunicação parece estar centrada na Mensagem, uma vez que o que importa é a informação transmitida de que é possível comprar maconha por R\$5,00, mas para ir e voltar do trabalho se deve gastar R\$6,40. Não há referências nem ao Emissor nem ao Receptor no enunciado desse cartaz. Por esses motivos, a função referencial se destaca nessa comunicação.

---

<sup>7</sup> Cartazes disponíveis em: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/06/18/manifestantes-contam-em-cartazes-quais-sao-suas-reivindicacoes.htm#fotoNav=3>. Acesso em 10.02.2015.

## **O cartaz como discurso**

O discurso é o objeto, dentre outros domínios da ciência linguística, da Análise do Discurso francesa. Esse campo de investigação teórica surgiu no contexto francês do final dos anos 1960, no auge do Estruturalismo Linguístico, que se pautava no corte saussuriano (distinção operada entre língua e fala por Saussure) e no imanentismo; por isso os estudiosos não costumavam refletir sobre a linguagem e sua articulação com o sujeito e a história, ou seja, entre a linguagem e seu exterior constitutivo. Rompendo com essa tradição de estudos linguísticos, a Análise do Discurso pretendia abrir uma fissura teórica no campo das ciências sociais e tinha por base a problematização do sujeito e da produção dos sentidos associada a uma reflexão crítica sobre os contextos epistemológicos e as filosofias espontâneas subjacentes à Linguística (GREGOLIN, 2006).

Para a Análise do Discurso, o sujeito não é entendido em uma perspectiva humanista, enquanto ser empírico, individual, que sendo intencionalmente estrategista, produz discursos com liberdade. Embora tenha a ilusão de ser fonte e origem de seu dizer, o sujeito é, na ótica discursiva, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente sob vários graus. Para poder tratar da produção dos sentidos realizada por sujeitos historicamente situados, a Análise do Discurso já nasceu como um campo interdisciplinar. Em artigo publicado com Catherine Fuchs (GADET; HAK, 1997, p. 163-164), Pêcheux define o quadro epistemológico da Análise do Discurso, situando-a entre três regiões do conhecimento:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. [...] Estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

Militante do Partido Comunista Francês na época da fundação da Análise do Discurso, Michel Pêcheux pensou esse campo do saber como um espaço que permitisse uma intervenção teórica e política no real da língua e da história. Gregolin (2003) aponta quatro pilares que nortearam as propostas teóricas de Michel Pêcheux: Louis Althusser, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Jacques Lacan.

O trabalho de releitura das teses marxistas, empreendido por Althusser, influenciou decisivamente a abordagem das relações entre língua, sujeito e ideologia. Jacques Lacan servirá

de esteio para a problematização do sujeito e do inconsciente. Mikhail Bakhtin, por seu turno, tem suas propostas incorporadas no final da década de 1970, por meio dos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz, que retomará a discussão sobre o dialogismo na linguagem para lançar as bases de sua teoria sobre a heterogeneidade do discurso.

As ideias de Foucault (2007) sobre o discurso, especialmente as contidas em *A arqueologia do saber*, publicada em 1969, vão servir de base para as formulações de conceitos centrais para a Análise do Discurso, como a definição do seu objeto – as “práticas discursivas” – entendidas como processos enunciativos cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História; o conceito de “formação discursiva”, as condições de possibilidade dos discursos, dentre outras.

Pensando com Foucault, ao empunhar cartazes, os manifestantes retomam uma memória de protestos do passado e inscrevem essa memória em um acontecimento novo. Esse gesto atribui ao cartaz – enquanto “enunciado” – uma função enunciativa específica e demarca de imediato seu “domínio associado”, que

Faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico [...]. Ele é constituído, de início, pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (um jogo de réplicas formando uma conversação, a arquitetura de uma demonstração – limitada, de um lado, por suas premissas, do outro, por ser conclusão –, a sequência das afirmações que constituem uma narração). É constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados. (FOUCAULT, 2007, p. 111).

Além de se integrarem a uma trama de outros enunciados, que os antecederam e que vieram depois deles, os cartazes produziram imagens versáteis de seus autores – um *éthos* dos manifestantes de junho. Resgataremos uma vez mais os cartazes sobre os quais viemos nos debruçando neste trabalho para analisá-los segundo esses procedimentos:

1. “Desculpe o transtorno, estamos mudando o Brasil”<sup>8</sup>
2. “Saímos do Facebook”
3. “Queremos hospitais padrão Fifa”
4. “Vem pra rua que a luta é sua!!!”
5. “Maconha: R\$5,00 – Ir e voltar do trabalho: R\$6,40”
6. “- Corrupção + Ruivas”

---

<sup>8</sup> Cartazes disponíveis em: <https://noticias.uol.com.br/album/2013/06/18/manifestantes-contam-em-cartazes-quais-sao-suas-reivindicacoes.htm#fotoNav=3>. Acesso em 10.02.2015.

Esses dizeres são representativos da variedade e heterogeneidade de reivindicações colocadas pelos manifestantes no mês de junho de 2013. A análise desses enunciados a partir da Análise do Discurso permite observar como se deu a produção de um discurso político muito particular – já citamos algumas de suas características: a ausência de partidos e de movimentos sindicais, emergência de novos protagonistas, heterogeneidade de reivindicações, sentimento de mudança, adesão de oito em cada dez brasileiros<sup>9</sup>, etc. Permite também definir quais são os domínios associados resgatados por eles, dos quais, a princípio, dois lugares de memória se destacam – são eles as manifestações dos Caras-Pintadas (1992) e a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985). Permite, por fim, diagnosticar os *éthos* produzidos pelos manifestantes no contexto das manifestações.

Charaudeau (2006), em seu livro *Discurso político*, elenca alguns procedimentos linguísticos (expressivos e enunciativos) empregados pelos oradores políticos na construção de seu discurso e de seu *éthos* durante os debates televisivos e os comícios. No entanto, as manifestações também são uma forma de embate que envolve atores políticos. Assim, cremos que podemos deslocar os procedimentos elencados por Charaudeau para esboçarmos alguns caminhos de análise desses cartazes.

Os exemplos (1), (2) e (3) revelam um tipo de “enunciação elocutiva”, expressa com a ajuda dos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural. A função desse tipo de enunciação é implicar o orador na cena. Nos três exemplos, o pronome “nós”, implícito em “estamos mudando o Brasil”, “Saímos do Facebook” e “Queremos hospitais padrão Fifa”, é exclusivo, isto é, exclui o interlocutor da cena “manifestação”. Em outras palavras, o emprego do pronome “nós” exclusivo produziria uma formulação implícita, do tipo: Nós, que estamos aqui, “estamos mudando o Brasil”, “saímos do Facebook” e “queremos hospitais padrão Fifa”; diferente de vocês, que estão aí, que “não estão mudando o Brasil”, “não saíram do Facebook” e “não querem hospitais padrão Fifa”. Podemos dizer que o “nós” exclusivo contribui para a produção de um *éthos* de “compromisso” ou “engajamento”.

O exemplo (4), por seu turno, revela um tipo de “enunciação alocutiva”, expressa com a ajuda de pronomes pessoais de segunda pessoa, tendo por função a implicação do interlocutor na cena enunciativa. Assim, em “Vem pra rua que a luta é sua!!!”, o emprego do imperativo “vem” e do pronome possessivo “sua” é dirigido ao interlocutor, e sob a forma de apelo ou

---

<sup>9</sup> Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/segundo-o-datafolha-8-em-cada-10-brasileiros-apoiam-manifestacoes-mas-passe-livre-nao-entusiasma/>. Acesso em 10.02.2015.

incitação tem por objetivo trazer esse “tu” para a cena “manifestação”. A partir modalidade de tratamento informal empregada nesse cartaz, constatamos que o locutor chama para a cena um interlocutor que pode ser um “igual”: “Vem (você) pra rua que a luta é sua!!!” e o *éthos* construído é aquele da “solicitação” ou do “desafio”.

O exemplo (5), por fim, parece revelar um tipo de “enunciação delocutiva”, que coloca o assunto em primeiro plano e apaga os interlocutores no enunciado. É como se a palavra dada não fosse de responsabilidade dos interlocutores presentes e dependesse apenas do ponto de vista de uma voz terceira: a da verdade. Assim, o cartaz “Maconha: R\$5,00 – Ir e voltar do trabalho: R\$6,40” enuncia o descompasso entre o preço da maconha (erva de consumo ilegal) e do transporte público (serviço de direito) como se esse enunciado tivesse um valor em si. O *éthos* aqui construído pode ser aquele da “consciência” ou da “constatação” das mazelas brasileiras, que legitima a cena das manifestações populares e de seus atores manifestantes.

Demonstramos, portanto, alguns caminhos a serem percorridos na análise linguística dos cartazes fotografados durante as passeatas, cujos procedimentos expressivos e enunciativos empregados apontam para o papel desempenhado pelos sujeitos envolvidos no discurso dos Protestos de Junho.

### **Considerações Finais**

O primeiro desafio deste trabalho foi abordar um acontecimento da história recente do Brasil. Os Protestos de Junho irão completar quatro anos em breve. Por esse motivo, talvez não se delineou o distanciamento necessário que permite observar melhor seus efeitos, embora possamos aventar algumas hipóteses descompromissadas com relação a como ele surgiu e em que ele culminou. No entanto, é esse trabalho de tentar interrogar um acontecimento à distância próxima que gostaríamos de destacar. As interrogações que serão colocadas ainda nos rastros deixados pela recente passagem do acontecimento nortearão as futuras pesquisas nesse domínio, que contarão por sua vez com uma maior nitidez dos fatos em função do distanciamento temporal. Isso nos conduz a um tateamento teórico e analítico, e nos força a um movimento constante de idas e vindas, avanços e recuos característicos desse tipo de trabalho. Consideramos ser essa a singularidade do trabalho que ora propomos. Por essa razão, não raras vezes remeteremos o leitor a textos produzidos na internet, porque foi nela que se deu majoritariamente a produção discursiva, enunciativa, textual e retórica dos Protestos de Junho.



A partir de Bakhtin, pudemos observar as relações entre o gênero e o estilo nessa materialidade discursivo-textual da voz das ruas. A partir de Jakobson, pudemos compreender a função do cartaz enquanto ato comunicativo e seu lugar entre os fatos de linguagem. A partir de Foucault, conseguimos visualizar os domínios associados que integram os enunciados presentes nos cartazes. A partir de Charaudeau, constatamos como os enunciados dos cartazes destacam os locutores, os interlocutores ou os referentes a partir da materialidade linguística.

Com base nesses autores, pudemos aprofundar ainda mais a discussão sobre os gêneros, as funções e os discursos que por vezes coíbem, por vezes motivam o nascimento de uma voz social, uma voz que vai às ruas, que luta pelo direito de fala, que junto de outros manifestantes e de outros cartazes, compõe a polifonia e antifonia características de uma democracia.

## REFERÊNCIAS

- ANGENOT, M. Hégémonie, dissidence et contre-discours : réflexions sur les périphéries du discours social en 1889. In : *Études littéraires*, vol. 22, n. 2, 1989. p. 11-24.
- ANGENOT, M. *Rhétorique de l'anti-socialisme*. Essai d'histoire discursive, 1830-1914. Québec: Presses de l'U. Laval. 2004.
- ANGENOT, M. La notion d'arsenal argumentatif : l'inventivité rhétorique dans l'histoire. In : *Rétor*, vol. 2, n. 1, 2012. p.1-36.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- GREGOLIN, M. R. V. (Org). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- GREGOLIN, M. R. V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-131.

**Artigo recebido em fevereiro de 2017.**

**Artigo aceito em abril de 2017.**